



O PENSAMENTO
LUSO-GALAICO-BRASILEIRO
(1850-2000)

ACTAS DO I CONGRESSO INTERNACIONAL

I

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

Estudos Gerais Série Universitária

Título: O Pensamento Luso-Galaico-Brasileiro (1850-2000)
Actas do I Congresso Internacional
Vol. I

Edição: Universidade Católica Portuguesa
Centro Regional do Porto
Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: DED/INCM

Revisão do texto: Joaquim Melo

Tiragem: 500 exemplares

Data de impressão: Maio de 2009

ISBN: 978-972-27-1713-7

Depósito legal: 291 833/09

COMISSÃO CIENTÍFICA DO CONGRESSO

- Prof. Doutor ARNALDO DE PINHO
Universidade Católica Portuguesa — Porto
- Prof. Dr. ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA
Universidade Autónoma de Lisboa
- Prof. Dr. JOSÉ CARLOS SEABRA PEREIRA
Universidade de Coimbra
- Prof. Doutor JOSÉ ESTEVES PEREIRA
Universidade Nova de Lisboa
- Prof. Doutor JOSÉ GONÇALVES GAMA
Universidade Católica Portuguesa — Braga
- Prof. Doutor MANUEL CÂNDIDO PIMENTEL
Universidade Católica Portuguesa — Lisboa
- Prof. Doutor MANUEL FERREIRA PATRÍCIO
Universidade de Évora
- Prof.^a Doutora MARIA JOSÉ CANTISTA
Universidade do Porto
- Prof. Doutor NORBERTO CUNHA
Universidade do Minho
- Prof. Doutor PEDRO CALAFATE
Universidade do Lisboa
- Prof. Doutor ELIAS TORRES FEIJÓ
Universidade de Santiago de Compostela
- Prof. Doutor ANDRÈS TORRES QUEIRUGA
Universidade de Santiago de Compostela
- Prof. Doutor XOSÉ LUÍS BARREIRO BARREIRO
Universidade de Santiago de Compostela
- Prof. Doutor ANTÓNIO PAIM
Rio de Janeiro
- Prof.^a Doutora CONSTANÇA MARCONDES CÉSAR
Pontifícia Universidade Católica de Campinas — São Paulo

SECRETÁRIO-GERAL DO CONGRESSO

- Prof. Doutor AFONSO ROCHA
Universidade Católica Portuguesa — Porto

I

SESSÃO SOLENE DE ABERTURA DO CONGRESSO

Na abertura deste Congresso, cumpre-me saudar todos os estimados congressistas e desejar a maior e melhor convivialidade ao longo destes dias. Se daqui saísse a vontade firme de realizar um segundo Congresso, daqui a dois anos, no Brasil ou na Galiza, seria um bom fruto deste primeiro encontro luso-galaico-brasileiro.

Este Congresso é um ponto de chegada. Supõe o trabalho feito há mais de dez anos nesta área sob a iniciativa do CEPP, já com vasta publicação e reuniões. E supõe um trabalho mais imediato o da preparação deste encontro que hoje iniciamos.

A sugestão desta reunião deve-se ao Prof. Braz Teixeira, logo secundada pelo Prof. António Paim, no Brasil, e pelos Profs. Barreiro Barreiro e Torres Queiruga, em Santiago de Compostela. Sem o contributo destas individualidades e de toda a Comissão Científica, bem como dum activo Secretariado dirigido pelo Doutor Afonso Rocha e pelo Sr. Marques, este Congresso não seria possível. E seria difícil realizar-se sem os patrocínios que se anunciam no guia do Congresso e que aqui se agradecem.

Como afirmou o Prof. António Paim, em carta de 13 de Julho e de Brasília, «seguindo a Esteves [refere-se ao Prof. Esteves Pereira] e Braz Teixeira que a continuidade da investigação que temos desenvolvido no que se refere às relações entre meditação filosófica portuguesa e a brasileira (e galega), para ter continuidade, precisaria ser assumida por Universidades, tanto no Brasil como em Portugal. O Congresso Luso-Galaico-Brasileiro, da sua iniciativa, pode tornar-se o marco inicial desse novo ciclo. Naturalmente esse desdobramento vai depender da nossa capacidade de interessar as novas gerações.»

Como referi ao começar estas curtas palavras, que se cumpra este voto. E que todos o ajudemos a concretizar pelo interesse «convivialidade» participação, contributo de todos e cada um para este primeiro Congresso Internacional sobre pensamento luso-galaico-brasileiro entre 1850 e 2000.

ARNALDO DE PINHO

Presidente da Comissão Científica do Congresso

II

TEXTOS DAS CONFERÊNCIAS

TENDÊNCIAS GERAIS DA FILOSOFIA PORTUGUESA ENTRE 1850 E 2000

ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA
Universidade Lusófona — Lisboa

I — INTRODUÇÃO

1. Não ignorando nem menosprezando o que há de necessariamente artificial em qualquer periodificação, que apenas como instrumento analítico deve ser usada, visando uma melhor ou mais adequada compreensão de qualquer fenómeno ou manifestação espiritual, afigura-se-me, contudo, não ser de todo ilegítimo ou arbitrário distinguir quatro períodos ou quatro ciclos relativamente bem individualizados no percurso da especulação filosófica portuguesa no século e meio decorrido entre 1850 e 2000.

Assim, no meu modo de interpretar os rumos da nossa reflexão filosófica contemporânea, o primeiro desses períodos iniciar-se-ia em 1852, quando, na revista portuense *A Península*, um jovem lente de matemática da Academia Politécnica desta cidade, Pedro Amorim Viana, publicou uma série de artigos sobre as conferências do Padre Ventura de Raulica, interrogando, criticamente, não só a possibilidade dos milagres como os principais dogmas do cristianismo, trazendo, deste modo, para o centro do debate filosófico um conjunto de problemas como a ideia de Deus, o problema ou mistério do mal, o conceito de razão, as relações entre razão e fé, filosofia

e religião e filosofia e ciência, que, três lustros depois, desenvolvidamente abordaria na sua obra capital *Defesa do Racionalismo ou Análise da Fé* e em torno dos quais iria centrar-se, longamente, a nossa meditação durante vários decénios, ao mesmo tempo que dava origem ao que se convencionou designar por «Escola Portuense», reconhecida espinha dorsal da filosofia portuguesa no século e meio objecto de estudo neste Congresso.

O segundo ciclo que distingo no pensamento português deste período iniciar-se-ia em 1912, com a criação do movimento portuense *Renascença Portuguesa* e com a publicação de *O Criacionismo*, de Leonardo Coimbra, e de *O Espírito Lusitano ou o Saudosismo*, de Teixeira de Pascoaes, e nele o conjunto de problemas e de interrogações que havia dominado o período anterior acha diversas e complementares respostas superadoras, através de uma sua formulação simultaneamente mais rigorosa, mais exigente e mais radical, ao mesmo tempo que os problemas antropológicos tendem a adquirir lugar proeminente.

Por seu turno, o terceiro período ou terceiro ciclo teria o seu momento fundador em 1943, com a formulação, por Álvaro Ribeiro, do *problema da filosofia portuguesa*, em que irá centrar-se boa parte do debate filosófico nos decénios seguintes, sendo também durante ele que os principais discípulos de Leonardo Coimbra darão expressão pública às suas diversas mas convergentes construções especulativas, dotando de criadora e inovadora continuidade a tradição filosófica portuense.

Finalmente, o quarto período teria o seu momento inicial em 1981, ano em que, por um lado, com a morte do filósofo de *A Razão Animada*, de algum modo se encerra o ciclo anterior e a noção e a realidade da existência e significado da filosofia portuguesa deixa de constituir problema, nos termos em que Álvaro Ribeiro o formulara, e, por outro, com a realização, na Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa, do I Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia, aquele problema amplia-se e converte-se no da *filosofia luso-brasileira*, fundado no reconhecimento da incindível relação entre pensamento e palavra, filosofia e filologia, que torna modalidades ou expressões situadas de uma mesma e mais

vasta realidade especulativa as filosofias portuguesa e brasileira e não pode deixar de ter em conta o diálogo, expresso ou implícito, que entre elas se trava, diálogo que se pretende alargar, agora, ao pensamento galego, a que nos une a comum matriz linguística e a importância e o lugar que nele ocupa a consideração especulativa do sentimento saudoso e da sua dimensão e significado metafísicos.

2. No plano especulativo, o mundo luso-brasileiro, na primeira metade do século XIX, foi dominado pela figura, pelo pensamento e pelo magistério de Silvestre Pinheiro Ferreira (1769-1846), cuja primeira obra reflexiva, as *Prelecções Filosóficas sobre a Teórica do Discurso e da Linguagem, a Estética, a Diceosina e a Cosmologia*, corresponde ao texto das lições que proferiu, no Rio de Janeiro, entre 1813 e o final da década e cujo último trabalho de índole filosófica, o até há pouco inédito tratado sobre a religião natural e a religião revelada, que, ao modo leibniziano, redigiu em francês e denominou *Teodiceia*, foi escrito em Lisboa no ano anterior à sua morte, ocorrida em 1846.

Inserindo-se, embora, ainda na linha do empirismo sensista, de matriz lockiana, que caracterizou o pensamento português desde os anos 40 de Setecentos, a filosofia silvestrina definia-se por um eclectismo *sui generis*, que, a uma renovada base aristotélica, procurava adicionar as conquistas modernas de Bacon, Leibniz e Condillac, o que se, por um lado, é a raiz do seu anti-idealismo, da sua incompreensão do criticismo kantiano e do seu utilitarismo ético, por outro, explica a sua revalorização da lógica aristotélica e o relevo que o seu pensamento confere à ontologia e à teodiceia, a rigorosa separação que estabelece entre filosofia e ciência, a sua atitude positiva, apoiada num demorado contacto com a problemática científica e a atenção que deu à metodologia e à classificação das ciências.

No domínio da teodiceia ou da teologia filosófica, o pensamento de Silvestre Pinheiro Ferreira, ao mesmo tempo que não deixa de se inserir na imediata tradição anterior de Inácio Monteiro e Teodoro de Almeida, ao sustentar haver perfeita compatibilidade e harmonia entre a razão e a fé, o conhecimento racional e a revelação religiosa, devendo, por

isso, os mistérios ser entendidos como verdades, doutrinas ou asserções que, excedendo as limitadas e finitas capacidades da razão humana, no entanto, não são contraditórias ou contrárias à mesma razão, vem a situar-se numa posição de carácter teísta, que aceita as noções de profecia, de milagre, de queda e de pecado original, bem como os quatro grandes mistérios ou dogmas do cristianismo, a Trindade divina, a encarnação de Cristo, a sua presença na eucaristia e a ressurreição final de todos os mortos e sustenta que o mal não tem existência real, sendo mera privação ou ausência de bem ¹.

II — PRIMEIRO PERÍODO: 1850-1912

3. A morte de Silvestre Pinheiro Ferreira, nos meados de Oitocentos, veio a coincidir com as primeiras afirmações especulativas de duas linhas de pensamento de orientação espiritualista que vão propor respostas e soluções ontognosiológicas, éticas e teodiceicas de sinal diverso ou até oposto às que aquele defendera para um conjunto de problemas que irão continuar a reclamar a atenção dos pensadores portugueses na segunda metade do século e entre os quais avulta a ideia de Deus e a crítica da religião.

Assim, o teísmo e a concepção cristã de Deus, que a filosofia silvestrina acolhera, vai ser, sucessivamente, posta em causa, primeiro no deísmo de Amorim Viana (1822-1901), depois no pantiteísmo de Cunha Seixas (1836-1895), no panteísmo de Junqueiro (1850-1923), Domingos Tarroso (1860-1933) e Antero (1842-1891) e na teurgia profética de Sampaio Bruno (1857-1915), para a existência de Deus acabar por ser radicalmente negada no monismo evolucionista e materialista

¹ Cf. A. Braz Teixeira, «Um filósofo de transição: Silvestre Pinheiro Ferreira», in *Revista Brasileira de Filosofia*, n.º 122, Abril-Junho de 1981; «A Teodiceia de Silvestre Pinheiro Ferreira», in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa — Classe de Letras*, t. xxxiii, 1996-1997, pp. 325-336, e «O mal na filosofia portuguesa dos séculos XIX e XX», in *Deus, o Mal e a Saudade*, Lisboa, Fundação Lusíada, 1993, pp. 61-78.

de Teófilo Braga (1843-1924) e no ateísmo ético e cientificista de Basílio Teles (1856-1923), num longo processo especulativo que atribuiu decisivo relevo à crítica da Trindade e da divindade de Jesus, à negação da ideia de Providência e dos milagres e que veio a traduzir-se na substituição da ideia de um Deus pessoal e distinto do mundo por um monismo panteísta ou materialista, e do criacionismo pelo emanatismo ou pelo evolucionismo naturalista e a culminar ou a concluir-se no agnosticismo e no ateísmo.

Na filosofia portuguesa do período que decorre de meados do século XIX até ao final da primeira década do seguinte, o assalto crítico à concepção cristã da divindade foi acompanhado pela dissolução do conceito de uma razão clara e segura de si, luminosa via de acesso aos segredos da verdade divina, que ignora a sombra e repele todo o negativo e todo o irracional como é, ainda, a de Amorim Viana e, de certo modo, também a de Cunha Seixas, a qual vai ser substituída, primeiro, por uma razão que, em Antero, se interroga sobre os seus limites e, depois, acabará por admitir o irracional, primeiro como irracional entitativo, com a concepção do mal como o positivo e o plenamente real, em Sampaio Bruno e, depois, com a admissão do erro como irracional cognitivo, em Leonardo Coimbra.

4. Como acima se referiu, no pensamento português, a reacção espiritualista contra o empirismo sensista de que Silvestre Pinheiro Ferreira fora o último e mais original representante, vai partir de duas linhas especulativas surgidas em meados do século XIX, encabeçadas, respectivamente, por Amorim Viana e por Vicente Ferrer Neto Paiva (1798-1886).

Pensador espiritualista e filósofo do Absoluto, o primeiro centrou a sua atenção reflexiva na ideia de Deus e nas relações entre razão e fé, filosofia e religião, numa orientação racionalista que punha em causa e sujeitava a rigoroso exame a tradição da teodiceia e da teologia filosófica portuguesa, de clara inspiração cristã.

Contrapor a fé à razão afigurava-se-lhe incorrecto e inadequado, pois a fé seria, para ele, um estado de espírito, uma revelação natural e interior, uma iluminação superior do entendimento cujos limites são os da própria razão e não um

ÍNDICE DO VOL. I

I

SESSÃO SOLENE DE ABERTURA DO CONGRESSO

| | |
|--|----|
| Palavras de abertura e apresentação do Presidente da Comissão Científica do Congresso, Prof. Doutor Arnaldo de Pinho | 11 |
|--|----|

II

TEXTOS DAS CONFERÊNCIAS

| | |
|---|-----|
| Tendências gerais da filosofia portuguesa entre 1850 e 2000, <i>ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA</i> | 15 |
| O pensamento brasileiro entre 1850 e 2000, <i>ANTONIO PAIM</i> | 75 |
| O pensamento galego entre 1850 e 2000: presenças e tendências, <i>XOSÉ LUÍS BARREIRO BARREIRO</i> | 83 |
| Nos 150 anos de nascimento: Sampaio (Bruno), «o filósofo português»? , <i>AFONSO ROCHA</i> | 131 |

III

METAFÍSICA E ONTOLOGIA

| | |
|--|-----|
| Espírito rebatido ou inteligência exaltada? Filosofia e pneumatologia nos séculos XIX e XX (no pensamento luso-galaico-brasileiro), <i>CARLOS H. DO C. SILVA</i> | 157 |
| Metafísica e ontologia na filosofia brasileira, <i>AQUILES CÔRTEZ GUIMARÃES</i> | 199 |
| Olladas ao infinito: Galiza e Portugal. Un enfoque de Victoriano García Martí, <i>RAMÓN SÁNCHEZ RODRÍGUEZ</i> | 213 |
| Faria de Vasconcelos: uma aproximação ao seu pensamento, <i>CRISTIANA DE SOVERAL E PASZKIEWICZ</i> | 247 |

| | |
|---|-----|
| A reacção espiritualista na primeira metade do século XX e seu desfecho, ANNA MARIA MOOG RODRIGUES | 257 |
| Amor Ruibal, pensador no cambio de século, ANDRÈS TORRES QUEIRUGA | 267 |
| Kantismo e neokantismo na meditação brasileira, ROSA MENDONÇA DE BRITO | 287 |
| O problema da criação e o nada nos filósofos portugueses: Sampaio Bruno, Teixeira de Pascoaes e Leonardo Coimbra, MANUEL BARBOSA DA COSTA FREITAS | 301 |
| O conceito de ciência em Basílio Teles, MARIA DO ROSÁRIO SANCHES MACHADO | 317 |
| A experiência ontológica em Leonardo Coimbra: a orientação última da razão para a origem misteriosa do ser, SAMUEL DIMAS | 333 |
| Dos arquétipos do ideal português às instâncias da realização de si, PAULO BORGES | 359 |
| A influência do espiritualismo eclético para a filosofia no Brasil, MARCO ANTÓNIO BARROSO | 371 |
| Viqueira, o filósofo da <i>Xeración Nós</i> , MANUEL RIVAS GARCÍA | 387 |
| Raul Proença: uma filosofia face ao limite, CELESTE NATÁRIO | 413 |
| Aspectos metafísicos do pensamento de Agostinho da Silva, MIGUEL REAL | 421 |
| A ontologia de Afonso Botelho: <i>Ser Encanto Ser</i> , ROMANA VALENTE PINHO | 453 |
| «O concreto ritmo e o secreto pulsar íntimo de todo o ser» — temporalidade ontológica e pensamento meontológico em José Marinho, JORGE CROCE RIVERA | 465 |
| Teologia e metafísica em Álvaro Ribeiro. Relevância, relação e compreensão, JORGE COUTINHO | 485 |
| O pensamento metafísico em Levinas e José Marinho — algumas analogias, ANDRÉ VERÍSSIMO | 505 |
| Da ciência à antropologia cristã: Leonardo Coimbra, MANUEL CÂNDIDO PIMENTEL | 521 |
| Filosofia, ontologia e metafísica em Delfim Santos, MANUEL GUEDES DA SILVA MIRANDA | 529 |
| Mito e metafísica em Eudoro de Sousa. A complementaridade das diferentes codificações, LUÍS LOIA | 537 |
| A escola de Braga e a justificação da metafísica: o contributo de Cassiano Abranches e Diamantino Martins, JOÃO J. VILA-CHÃ | 547 |
| José Marinho: entre Pascoais, «poeta da visão unívoca», e Pessoa, «arauto da cisão extrema», RENATO EPIFÂNIO | 607 |
| A pessoa e a obra de Eduardo de Soveral, MARIA JOSÉ CANTISTA | 619 |

| | |
|--|-----|
| Metafísica, religiões e religiosidade em Newton de Macedo, <i>PEDRO BAPTISTA</i> | 633 |
| A noção de «universo ontológico» na obra de José Enes, <i>LUÍS</i> <i>MANUEL A. V. BERNARDO</i> | 649 |
| Miranda Barbosa e o idealismo, <i>ANTÓNIO JOSÉ DE BRITO</i> | 687 |
| O pensar como tradução em Vicente Ferreira da Silva, <i>MARIA</i> <i>ADELAIDE NETO DE MASCARENHAS PACHECO</i> | 701 |
| Inteligibilidade e evidência. O percurso filosófico de Fernando Gil, <i>MARIA LUÍSA COUTO SOARES</i> | 725 |

Acabou de imprimir-se
em Maio de dois mil e nove.

Edição n.º 1016423

www.incm.pt
comercial@incm.pt
E-mail Brasil: livraria.camoes@incm.com.br